

PASSIVAS COM VERBOS PSICOLÓGICOS DA FAMÍLIA DE *PREOCUPAR*¹

MARIA MARGARIDA BARBEDO
(Escola Superior de Jornalismo-Porto)

1. Introdução

Pretende-se nesta comunicação pôr em questão a existência em português de "passivas verbais" e "passivas adjectivais". O quadro teórico seleccionado é o da Gramática Generativa, tendo em conta desenvolvimentos recentes no domínio do tratamento do Léxico. Tomar-se-ão os verbos psicológicos da família de *preocupar* como base do estudo, observando exclusivamente construções como as exemplificadas em (1):

- (1) a. A Maria **foi** abalada pela notícia
b. A Maria **está** angustiada com a situação
c. A Maria **ficou** magoada com o Pedro

Começaremos por observar a pertinência para o português dos argumentos que são apontados no sentido da passiva dos verbos da família de *preocupar* ser "adjectival". Desenvolveremos depois a proposta de que a distinção mais relevante entre estas três construções é de natureza aspectual: os verbos *ser*, *estar* e *ficar* funcionam nestas construções como verbos aspectuais e podem ou não ligar-se a determinados participios passados e preposições consoante as propriedades semânticas intrínsecas desses participios e os valores temáticos dos SNs introduzidos por essas preposições.

2. A distinção "passiva verbal"/"passiva adjectival"

Parece ser já consensual a proposta de que em línguas como o inglês e o italiano existem dois tipos de passivas: a passiva "verbal" e a passiva "adjectival".

As construções passivas com os verbos psicológicos da família de *preocupar* são apontadas como exemplos de "passivas adjectivais" nestas duas línguas.

Em português, verifica-se que alguns verbos psicológicos da família de *preocupar* podem formar construções passivas como as de (1.a), isto é, construções com o auxiliar *ser* e a preposição *por*, enquanto outros verbos não aceitam construções com essa forma, podendo no entanto formar construções como as de (1.b) ou (1.c), isto é, com os auxiliares *estar* ou *ficar* e a preposição *com*. Considera-se geralmente que as construções passivas como as de (1.a) são "passivas verbais" e as construções de (1.b) e (1. c) são "passivas adjectivais" (cf. Mendes 94).

Em relação a estas duas construções, construção passiva com *ser* e construção passiva com *estar* ou *ficar*, os verbos da família de *preocupar* manifestam na nossa língua algumas tendências, como sejam:

1. É maior o número de verbos que aceitam a construção com *estar* e *ficar*, muito embora a construção com *ser* seja aceite por um número significativo de verbos;
2. Há uma relação entre a passiva com *ser* e a agentividade: todos os verbos claramente agentivos aceitam essa construção e têm simultaneamente dificuldade em aceitar as passivas com *estar* e *ficar*;
3. Nas construções com *estar* e *ficar* há uma preferência nítida por SPreps preenchidos por SNs [-hum], embora alguns verbos aceitem nestas construções SPreps com SNs [+hum].

Na base das designações "passivas verbais" e "passivas adjectivais" encontra-se um entendimento do participípio passado como pertencendo a categorias morfológicas distintas nas duas passivas: nas "passivas verbais" ele seria uma forma verbal; nas "passivas adjectivais", uma forma adjectival.

Na realidade, em português o participípio passado que entra nas duas passivas apresenta logo à partida uma característica tipicamente adjectival: os traços de concordância em género e número. No entanto, não existe uma relação sistemática entre os dois tipos de passiva e outra propriedade tipicamente adjectival: a aceitação da modificação através do advérbio de grau. Esta propriedade não é exclusiva da construção com *estar* ou *ficar*: muitos verbos que formam passiva com *ser* aceitam a modificação através do advérbio de grau (frases de (2)) e muitos verbos que aceitam a construção com *estar* e *ficar* não aceitam facilmente a modificação através de advérbio de grau (frases de (3)).

- (2) a. A Maria foi muito achincalhada pelo professor
- b. Ela foi muito (atormentada/desmotivada/inquietada) pelo marido
- c. Ela foi muito abalada pela morte do pai

- (3) a. ?? A Ana está/ficou muito deliciada com o Pedro
 b. ?? A Ana está muito (fascinada/deslumbrada) com o Pedro

Por outro lado, numa primeira observação, a natureza categorialmente diversa do particípio passado das passivas com *ser* e das passivas com *estar* e *ficar* parece poder ser comprovada no caso de verbos de duplo particípio passado. De facto, no que diz respeito ao uso do particípio passado irregular dos verbos psicológicos da família de *preocupar* com duplo particípio observa-se uma divergência nítida na sua aceitação: ele não é aceite nas construções passivas com *ser* (frases de (4)) e é aceite sem problemas nas construções com *estar* e *ficar* (frases de (5)):

- (4) a. * A Maria foi (alegre/desinquieta/inquieta/tranquila) pela notícia
 b. *A Maria foi confusa pela reacção do Pedro
 (5) a. A Maria está/ficou (alegre/desinquieta/inquieta/tranquila) com a notícia
 b. A Maria está/ficou confusa com a reacção do Pedro

Se sustentarmos que nos verbos de duplo particípio apenas a forma irregular de particípio passado pode funcionar como um adjectivo e, simultaneamente, que apenas as construções passivas com *estar* ou *ficar* podem ser construções "passivas adjectivais", estas construções só deveriam aceitar o particípio passado irregular. Ora, não é isso que se verifica. Na verdade, as construções com *estar* e *ficar* não têm dificuldade em aceitar o particípio passado irregular, mas elas aceitam também o particípio passado regular (frases de (6)):

- (6) A Maria está/ficou (inquietada/tranquilizada/alegrada) com a notícia

Não se verifica, portanto, que as construções com *estar* e *ficar* aceitem apenas a forma irregular do particípio passado, o que sugere a possibilidade de estas construções nem sempre terem um valor adjectival: as construções com o particípio passado irregular seriam adjectivais, enquanto as construções com o particípio passado regular seriam verbais. No entanto, observa-se que as construções com *estar* e *ficar* e o particípio passado regular de verbos de duplo particípio aceitam com frequência a modificação através de advérbio de grau:

- (7) A Maria está/ficou muito (alegrada /confundida /desinquieta /inquietada) com o comportamento do Pedro

Uma vez que aceita a modificação através de advérbio de grau, é legítimo concluir que, nas construções passivas com *estar* e *ficar*, o particípio passado regular tem também propriedades adjectivais.

Em contrapartida, as construções passivas com *ser* não aceitam a forma irregular do particípio passado, mas aceitam, em alguns casos, que o particípio passado regular seja modificado através de advérbio de grau (frases de (8)):

(8) A Maria foi muito (desinquietada/inquietada) pelos problemas do Pedro

Uma vez que aceita a modificação através de advérbio de grau, é possível concluir que também o particípio passado regular tem propriedades adjectivais.

Não parece, portanto, que seja pertinente para o português uma distinção entre os dois tipos de construção baseada na natureza categorial dos participios.

Por outro lado, alguns dos argumentos que apoiam noutras línguas a ideia de que a passiva dos verbos da família de *preocupar* é "adjectival" não funcionam para o português. Um desses argumentos (cf. Levin e Rappaport (86) e Grimshaw (90)) é o de que o particípio passado destes verbos pode funcionar como complemento de verbos como *parecer* e *continuar*, que seleccionam SADjs. Isso também se verifica em português (frases de (9)); no entanto, também os participios passados de verbos da família de "temer", que em inglês e italiano são considerados como verbos que formam apenas "passiva verbal", aceitam essa função (frases de (10)):

(9) a. Ele parece preocupado com as notícias de Timor
b. Ele continua deslumbrado com a literatura de Saramago

(10) a. Ele parece temido pelos seus alunos
b. Ele continua estimado pelos seus amigos

Em inglês é ainda referido o facto de o particípio passado destes verbos aceitarem o prefixo negativo *un-*, prefixo que nesta língua só se liga a adjectivos (cf. Grimshaw 90), e poderem com este prefixo formar passiva. Ora, em português o que se observa é que os participios passados dos verbos da família de *preocupar* que aceitam este prefixo não aceitam nem a passiva com *ser* nem a passiva com *estar* e *ficar*:

(11) a. * Ela foi inconsolada pela amiga
b. * Ela está inconsolada com a situação
c. *? Ela ficou inconsolada com a situação
(12) a. * Ele foi inalterado pelas palavras do Pedro
b. * Ele está inalterado com as palavras do Pedro
c. * ? Ele ficou inalterado com as palavras do Pedro

Parece, portanto, que existem poucas razões para que se aceite que em português os verbos psicológicos da família de *preocupar* podem formar dois tipos de passivas, as "passivas verbais" e as "passivas adjectivais".

Malaca Casteleiro (81, p. 85 e p. 89) diz que os participios passados "são fundamentalmente formas verbais, que eventualmente podem funcionar como adjectivos" e que "o emprego como adjectivos dos participios passados dos verbos transitivos é derivado, de forma natural, a partir destes". De facto, tanto o participio passado da passiva com *ser* como o participio passado das construções com *estar* e *ficar* apresentam propriedades que, se é certo que por vezes os aproximam dos adjectivos, mostram que são formas verbais. Possivelmente, eles serão formas verbais com características específicas. A distinção clássica entre formas verbais, com os traços [+V, -N], e adjectivais, com os traços [+N, +V], não capta a especificidade categorial do participio passado dos verbos psicológicos da família de *preocupar*: poderíamos dizer que ele é [+V], mas não especificado em relação ao traço [N]. É esta a proposta de Chomsky (81) em relação ao participio passado que entra nas construções "passivas verbais". Estamos, portanto, a alargar esta proposta também para o participio passado que entra nas construções com *estar* e *ficar*.

3. A distinção aspectual

Se a adopção das designações "passiva verbal" e "passiva adjectival", respectivamente para a passiva com *ser* e para a passiva com *estar* e *ficar* dos verbos da família de *preocupar*, não se justifica na nossa língua, uma distinção entre estes dois tipos de construção fundada nos seus diferentes valores aspectuais pode ter algum valor explicativo.

Na realidade, há uma distinção semântica (aspectual) relevante entre as construções passivas com *ser*, *estar* e *ficar*. É sabido que na nossa língua os verbos *ser* e *estar* estabelecem uma oposição aspectual importante nas construções predicativas. Ora, essa oposição aspectual também se verifica nas construções que estamos a analisar. Assim, a frase (13 a.) descreve um evento, a frase (13 b.) um estado, e a frase (13 c.) exprime um estado resultativo:

- (13) a. A Ana foi deslumbrada pela simpatia do Rui
 b. A Ana está deslumbrada com a simpatia do Rui
 c. A Ana ficou deslumbrada com a simpatia do Rui

Também noutras línguas são referidas oposições aspectuais em construções passivas. Em inglês, por exemplo, existe apenas um verbo auxiliar de formação da passiva, o verbo *to be*. No entanto, as frases (14 a.) e (14 b.) são distintas aspectualmente:

- (14) a. I was amused by Bill's stories
 b. I am amused at Bill's stories

Enquanto a frase (14 a.) descreve um evento, e equivaleria em português à frase "Eu fui divertida pelas histórias do Bill", a frase (14 b.) exprime um estado e a sua tradução para português seria "Eu estou divertida com as histórias do Bill".

O italiano dispõe de dois verbos para formar passiva: o verbo *essere* para as passivas verbais e adjectivais e o verbo *venire* para as passivas verbais. Belletti e Rizzi (91) citam o caso do verbo *chiudere* (fechar) que aceita os dois auxiliares, sendo ambígua a interpretação das frases com o auxiliar *essere*. Assim, a frase "*La porta è chiusa alle cinque*" (a porta é fechada às cinco) pode ter uma interpretação estativa (a porta é habitualmente fechada às cinco) se se tratar de uma "passiva adjectival", ou uma interpretação como evento (alguém fecha a porta às cinco) se se tratar de uma "passiva verbal". Existe portanto, em italiano, uma diferença de valor aspectual entre os dois tipos de passiva.

O alemão tem duas construções passivas: uma construção com o auxiliar *werden* e a preposição *von*, que corresponderá à nossa passiva com *ser*, e uma outra construção, apelidade de "passiva de estado", com o auxiliar *sein* e a preposição *mit* (ou outras preposições, como *über*).

Podemos, portanto, concluir que nas várias línguas que referimos as oposições aspectuais nas construções passivas são uma constante, sendo que cada língua possui mecanismos próprios (verbos auxiliares e/ou preposições diferentes) para exprimir essa oposição.

Vejamus então com mais detalhe o valor aspectual das três construções que estamos a analisar, tendo por base as quatro classes aspectuais definidas por Vendler (67): *estados*, *actividades*, *accomplishments* e *achievements*. Uma boa forma de determinar a classe aspectual das predicacões é testar o seu comportamento face a determinado tipo de adverbais temporais, uma vez que os adverbais temporais são sensíveis às classes aspectuais das predicacões. Em Cunha (98), seguindo considerações de Mourelatos (81), são discriminados os seguintes testes com adverbais temporais para a classificação do valor aspectual das predicacões:

(15)

1. Adverbais Durativos

- a) Durante x horas/x dias - só aparecem com *actividades* e *estados* (mas não são totalmente agramaticais com *accomplishments*);
 b) De/desde ... até/a - aparecem com *actividades*, *estados* e *accomplishments*;

2. Adverbiais Temporais (que identificam eventos têlicos com um dado intervalo de tempo)

c) em x tempo - só aparecem com *accomplishments*;

3. Adverbiais Pontuais (que localizam a situação num instante ou momento)

d) às x horas/no momento x - só aparecem com *achievements*;

4. Adverbiais de Contagem Cardinal (que só se aplicam a eventualidades não homogêneas e não cumulativas)

e) x vezes - só aparecem com *accomplishments* e *achievements*.

Os testes com os adverbiais, quando aplicados à passiva com *ser*, dão resultados algo diferentes em construções com verbos claramente agentivos (frases de (16)) e em construções com verbos que não são claramente agentivos (frases de (17)):

- (16) a. A Maria foi humilhada pelo Pedro durante uma hora
 b. A Maria foi humilhada pelo Pedro desde as 2 até às 8 horas
 c. * A Maria foi humilhada pelo Pedro numa hora
 d. A Maria foi humilhada pelo Pedro às duas horas
 e. A Maria foi humilhada pelo Pedro três vezes

- (17) a. ? A Maria foi inquietada pela notícia durante uma hora
 b. ? A Maria foi inquietada pela notícia desde as 2 até às 8 horas
 c. * A Maria foi inquietada pela notícia numa hora
 d. A Maria foi inquietada pela notícia às duas horas
 e. ? A Maria foi inquietada pela notícia três vezes

As frases de (16), com o verbo agentivo, parecem poder ter um valor de *actividade* ou de *achievement*, enquanto as frases de (17) só parecem admitir uma leitura de *achievement*.

No entanto, verificámos que os resultados da aplicação destes testes também variam consoante seja utilizado na construção um SPrep [+hum] ou [-hum]. Confrontem-se os resultados obtidos em (17) com os de (18):

- (18) a. A Maria foi inquietada pelo Pedro durante uma hora
 b. A Maria foi inquietada pelo Pedro desde as 2 até às 8 horas
 c. * A Maria foi inquietada pelo Pedro numa hora
 d. A Maria foi inquietada pelo Pedro às duas horas
 e. A Maria foi inquietada pelo Pedro três vezes

Repare-se que as frases de (18), com um SPrep [+ hum], se comportam agora como as frases de (16), ou seja, elas parecem admitir uma leitura como *actividades* ou como *achievements*.

Para além disso, constatámos ainda que a presença/ausência de SPrep também influi decisivamente nos resultados obtidos com a aplicação destes testes. Verifique-se o que acontece, por exemplo, em (19) e (20):

- (19) a. ? A Maria foi desmoralizada pelo Pedro durante uma hora
 b. ? A Maria foi desmoralizada pelo Pedro desde as 2 até às 8 horas
 c. * A Maria foi desmoralizada pelo Pedro numa hora
 d. A Maria foi desmoralizada pelo Pedro às duas horas
 e. A Maria foi desmoralizada pelo Pedro três vezes
- (20) a. A Maria foi desmoralizada durante uma hora
 b. A Maria foi desmoralizada desde as 2 até às 8 horas
 c. * A Maria foi desmoralizada numa hora
 d. A Maria foi desmoralizada às duas horas
 e. A Maria foi desmoralizada três vezes

As frases de (20), sem SPrep, são mais vagas do ponto de vista aspectual, podendo adquirir um valor de *actividade* ou de *achievement*. No entanto, se compararmos as frases de (19) com as de (16) e de (18) verificamos que nem sempre a passiva com *ser* e com SPrep [+ hum] admite advérbios durativos.

Globalmente, parece ser possível concluir o seguinte em relação ao valor aspectual da passiva com *ser* dos nossos verbos:

- ◆ As frases com um verbo agentivo e com um SPrep [+ hum] aceitam todos os adverbiais com a excepção da locução "em x tempo", pelo que podem ter um valor de *actividade* ou de *achievement*;
- ◆ Nas frases com um verbo menos claramente agentivo e com um SPrep [+ hum], o valor aspectual da frase dependerá do carácter ± pontual do verbo;
- ◆ As frases com um SPrep [- hum] são as mais restritivas, sendo quase impossível elas terem um valor durativo. Elas são geralmente *achievements*.
- ◆ As frases sem SPrep são pouco restritivas, podendo ser *actividades* ou *achievements*.

Passemos agora para as construções com o auxiliar *estar*.

Se testarmos estas construções com o Presente do Indicativo, o tempo verbal em que elas são normalmente empregues, elas não aceitam os advérbios durativos. Verificámos, no entanto, que um adverbial do tipo "desde há x tempo",

que indica o início do processo sem lhe estabelecer uma culminação (a não ser o do próprio momento da enunciação), já é aceitável:

- (21) a. A Maria está comovida com o Pedro desde há uma hora
 b. A Maria está satisfeita com o comportamento do Pedro desde há uma hora
 c. A Maria está espantada com a notícia desde há uma hora

Resolvemos, no entanto, usar o Pretérito Perfeito, uma vez que este tempo é relativamente "neutro" em termos aspectuais, isto é, ele não provoca grandes alterações nas propriedades aspectuais básicas do predicado em que ocorre (cf. Cunha 98, pp. 39-41). Repare-se, contudo, que há uma certa "estranheza" em relação a algumas construções no Pretérito Perfeito, que não é alheia ao facto de a oposição *estar/ficar* ser muito produtiva em português: na verdade, quando queremos dar a ideia de perfectivo usamos preferencialmente *ficar*.

As construções com o auxiliar *estar* têm um comportamento regular face aos testes com os adverbiais. Assim, estas construções aceitam os advérbios durativos, como podemos observar em (22), (23) e (24):

- (22) a. A Maria esteve comovida com o Pedro durante uma hora
 b. A Maria esteve comovida com o Pedro desde as 2 até às 8 horas
 (23) a. A Maria esteve satisfeita com o comportamento do Pedro durante uma hora
 b. A Maria esteve satisfeita com o comportamento do Pedro desde as 2 até às 8 horas
 (24) a. A Maria esteve espantada com a notícia durante uma hora
 b. A Maria esteve espantada com a notícia desde as 2 até às 8 horas

Em contrapartida, estas construções não aceitam o adverbial temporal "em x tempo" (frases de (25)) e o adverbial pontual "às x horas" (frases de (26)):

- (25) a. * A Maria esteve comovida com o Pedro numa hora
 b. * A Maria esteve satisfeita com o comportamento do Pedro numa hora
 c. * A Maria esteve espantada com a notícia numa hora
 (26) a. * A Maria esteve comovida com o Pedro às duas horas
 b. * A Maria esteve satisfeita com o comportamento do Pedro às duas horas
 c. * A Maria esteve espantada com a notícia às duas horas

Quanto ao adverbial de contagem cardinal, a sua aceitação varia consoante o tipo de SPrep presente na construção:

- (27) a. A Maria esteve comovida com o Pedro três vezes
 b. ? A Maria esteve satisfeita com o comportamento do Pedro três vezes
 c. ? A Maria esteve espantada com a notícia três vezes

Podemos então concluir que, conforme se esperava, as construções com *estar* não têm valor de *accomplishment* nem de *achievement*, o que se compreende, dado que o verbo *estar* é um auxiliar aspectual que expressa precisamente *estado* e é tendencialmente durativo e não pontual, nisso se distinguindo, como vamos ver a seguir, do auxiliar *ficar*.

Vejamos então o comportamento das construções com *ficar* de (28) face aos mesmos testes:

- (28) a. A Maria ficou fascinada com o Pedro
 b. A Maria ficou perturbada com as palavras do Pedro
 c. A Maria ficou intrigada com a notícia
- (29) a. A Maria ficou fascinada com o Pedro durante uma hora
 b. ? A Maria ficou fascinada com o Pedro desde as 2 até às 8 horas
 c. * A Maria ficou fascinada com o Pedro numa hora
 d. A Maria ficou fascinada com o Pedro às 2 horas
 e. A Maria ficou fascinada com o Pedro três vezes
- (30) a. A Maria ficou perturbada com as palavras do Pedro durante uma hora
 b. A Maria ficou perturbada com as palavras do Pedro desde as 2 até às 8 horas
 c. * A Maria ficou perturbada com as palavras do Pedro numa hora
 d. A Maria ficou perturbada com as palavras do Pedro às 2 horas
 e. A Maria ficou perturbada com as palavras do Pedro três vezes
- (31) a. A Maria ficou intrigada com a notícia durante uma hora
 b. A Maria ficou intrigada com a notícia desde as 2 até às 8 horas
 c. * A Maria ficou intrigada com a notícia numa hora
 d. A Maria ficou intrigada com a notícia às duas horas
 e. A Maria ficou intrigada com a notícia três vezes

Estas construções aceitam o adverbial pontual e o adverbial de contagem cardinal, pelo que serão *achievements*. No entanto, elas serão *achievements* com características especiais. Por um lado, estas construções são basicamente construções perfectivas, isto é exprimem a consequência, o estado resultante, de uma culminação, e não a culminação em si mesma. Por outro lado, as construções com *ficar* aceitam advérbios durativos, mas a aceitação destes advérbios não pode, no entanto, ser indicativa de que estas construções são *actividades*: o estado resultante pode ser mais ou menos duradouro, e é isso que explica a aceitação, em certos casos, dos advérbios durativos. Um verbo como *espantar*, por exemplo, tem um valor lexical momentâneo que não se coaduna com os advérbios durativos.

É possível que a distinção entre predicados de *estado*, *actividade*, *accomplishment* e *achievement* não seja a melhor forma de classificar aspectualmente a passiva com *ser* e as construções com *estar* e *ficar*. Nesse caso, poder-se-ia tentar classificar as três construções em análise seguindo a distinção aspectual entre *estados* e *ocorrências* proposta por Mourelatos (78).

Assim, as construções com *estar* serão *estados*, visto que são não dinâmicas e interpretam um estado-de-coisas como não envolvendo qualquer mudança em todos os intervalos de tempo em que esse estado-de-coisas se mantém.

A passiva com *ser* e a construção com *ficar* são dinâmicas, isto é, interpretam um estado-de-coisas como envolvendo uma qualquer mudança, e portanto são ambas *ocorrências*.

No entanto, a bipartição das *ocorrências* em *processos* e *eventos* proposta por Mourelatos também não permite distinguir aspectualmente a passiva com *ser* e a construção com *ficar*. De facto, se adoptarmos a definição de Mourelatos, poderíamos dizer que a passiva com *ser* descreve um *processo*, uma vez que é atética, isto, é não tem um ponto de culminação intrínseco. Mas não podemos afirmar que a construção com *ficar* descreve um *evento*, isto é, que ela é tética: "ficar intrigado", por exemplo, descreve o estado resultativo, que pressupõe uma culminação anterior, mas que em si não é tético.

Ou seja, a construção com *ficar* partilha com a construção com *estar* o facto de exprimir um *estado*, no entanto distingue-se desta por envolver dinamismo e uma alteração do estado-de-coisas. Por outro lado, a construção com *ficar* partilha com a passiva com *ser* o dinamismo e a mudança do estado-de-coisas, mas afasta-se desta por descrever um estado.

Como vemos, também os critérios de classificação aspectual estabelecidos por Mourelatos são de difícil aplicação às construções que estamos a analisar. De qualquer forma, mesmo não podendo adoptar critérios e terminologias definidos na literatura sobre o valor aspectual das predicções, parece-nos que conse-

guimos já caracterizar claramente as diferenças aspectuais existentes entre as três construções que estamos a analisar.

Concluindo, nas três construções que estamos a analisar os verbos auxiliares estabelecem entre si uma oposição aspectual, sendo que a passiva com *ser* exprime um *evento*, a passiva com *estar* um *estado* e a passiva com *ficar* um *estado resultativo* de um evento.

4. Explicação sintáctica

O estatuto do SPrep da passiva tem sido alvo de muitas discussões e as propostas sobre a sua natureza são variadas. Partindo da ideia de Chomsky (81) de que a passiva perde um argumento da activa, outras possibilidades são apontadas na literatura, possibilidades que se desdobram ainda em propostas diversas para as "passivas verbais" e para as "passivas adjectivais".

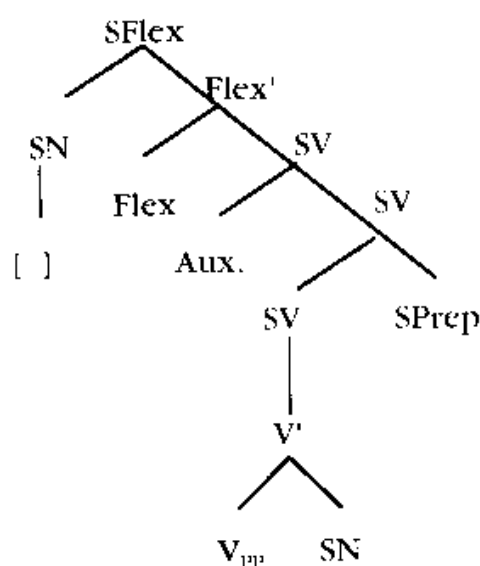
Em Duarte e Brito (96)¹ encontramos as seguintes características distintivas dos argumentos: a) impossibilidade de supressão; b) dificuldade de deslocação para uma posição inicial da frase não acompanhada de pausa ou acento de intensidade; c) impossibilidade de ocorrer numa interrogativa-Q cuja resposta mínima seja o SV. No entanto, quando testamos o comportamento das nossas construções face a estas características dos argumentos, os resultados não são muito concludentes: o primeiro teste aponta no sentido do SPrep ser um adjunto, o segundo teste, que não nos parece muito fiável, aponta no sentido de ele ser um argumento e o terceiro teste não é aplicável às passivas com *estar* e *ficar*. Contudo, parece ser possível concluir duas coisas: o SPrep não manifesta propriedades típicas dos verdadeiros argumentos e os resultados não apontam no sentido de existir uma distinção entre os SPreps das passivas com *ser* e os das passivas com *estar* e *ficar*.¹ Assim sendo, vamos encará-lo nas nossas três construções como um adjunto, e não como um argumento, e propor que a sintaxe da passiva dos verbos psicológicos da família de *preocupar* se caracteriza pela perda de um argumento em relação ao verbo activo correspondente.

O argumento externo do verbo activo é, portanto, "despromovido" na estrutura argumental da passiva: ele deixa de ser um argumento e passa a ser um adjunto. Como adjunto, ele é um elemento opcional, que pode ou não aparecer na construção.

Por seu turno, o participio passado nas construções com estes verbos não atribui papel temático ao argumento externo do verbo, pelo que a posição de [SN, F] se encontra vazia em Est-P, vindo a ser ocupada por movimento pelo SN subcategorizado pelo verbo.

A passiva dos verbos da família de *preocupar* terá, então, uma Est-P com a seguinte representação:

(32)



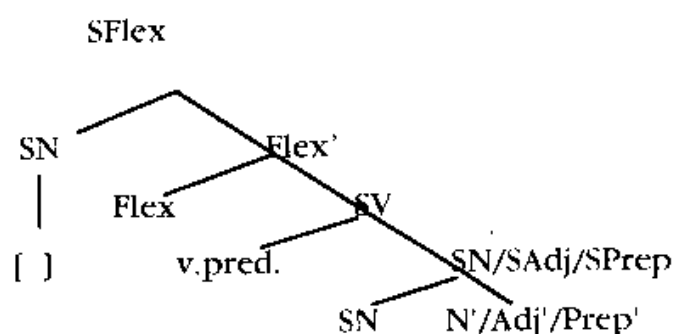
Se a Est-P das nossas frases passivas for, como pensamos, a descrita em (32), então é possível estabelecer uma relação entre as construções que estamos a observar e as construções predicativas: nas construções predicativas, a posição de sujeito também está vazia em Est-P e o verbo predicativo (*ser*, *estar*, *ficar* ou outros) introduz uma oração pequena ("small clause")⁴.

Como se observa nas frases de (33), a "small clause" das construções predicativas tem, no entanto, algumas características diferentes do que se passa na passiva que estamos a analisar:

- (33) a. A Maria é uma menina
 b. A Maria está linda
 b. A Maria ficou no Porto

Nas construções predicativas, o predicado da oração pequena não é verbal. O verbo predicativo selecciona uma oração pequena cujo predicado pode ser um SN, um SAdj ou um SPrep. As construções predicativas têm então esta Est-P⁵:

(34)



As construções predicativas distinguem-se das construções que analisamos no que diz respeito às categorias lexicais que podem funcionar como núcleo da oração pequena: nas passivas será um SV; nas construções predicativas uma categoria não verbal. No entanto, as semelhanças entre os dois tipos de construção são evidentes: tal como nas construções predicativas com SAdjs, SNs ou SPreps, a estrutura argumental dos participios verbais é satisfeita por predicção.

Algumas alterações poderiam ainda ser propostas à Est-P que apresentámos em (32), de forma a podermos explicar alguns comportamentos que se observam na nossa língua. Antes de mais, decorre do que ficou dito que os verbos *ser*, *estar* e *ficar* são verbos aspectuais. Estes verbos funcionam como núcleo de uma categoria do tipo SV_{Asp} e seleccionam um SV que é encabeçado pelo participio passivo. Como explicar então que, em português, o SN argumento interno do verbo possa aparecer em Est-S noutras posições que não a de sujeito frásico? Repare-se nas seguintes frases:

- (35) a. Foi uma pessoa ofendida e ninguém se incomoda!
 b. Foi a Maria ofendida e nós não fazemos nada!
 (36) a. Está uma pessoa angustiada e ninguém a ajuda!
 b. Está o Pedro angustiada e nós não o ajudamos!
 (37) a. Ficou uma pessoa humilhada e toda a gente ainda se ri!
 b. Ficou o Pedro humilhado e nós ainda nos rimos!

Conforme é apontado em Brito (no prelo), os SNs que podem ocupar uma posição entre o verbo aspectual e o participio passivo podem ser definidos ou indefinidos e ocorrem principalmente em frases exclamativas e seguidos de uma oração contrastiva.

Há ainda a possibilidade de o argumento interno do verbo permanecer na posição que ocupa em Est-P:

- (38) a. Foi ofendida uma pessoa e ninguém se incomoda
 b. ? Foi ofendida a Maria e ninguém se incomoda
 (39) a. Está angustiada uma pessoa e ninguém a ajuda
 b. ? Está angustiada a Maria e ninguém a ajuda
 (40) a. Ficou humilhada uma pessoa e toda a gente ainda se ri
 b. ? Ficou humilhada a Maria e toda a gente ainda se ri

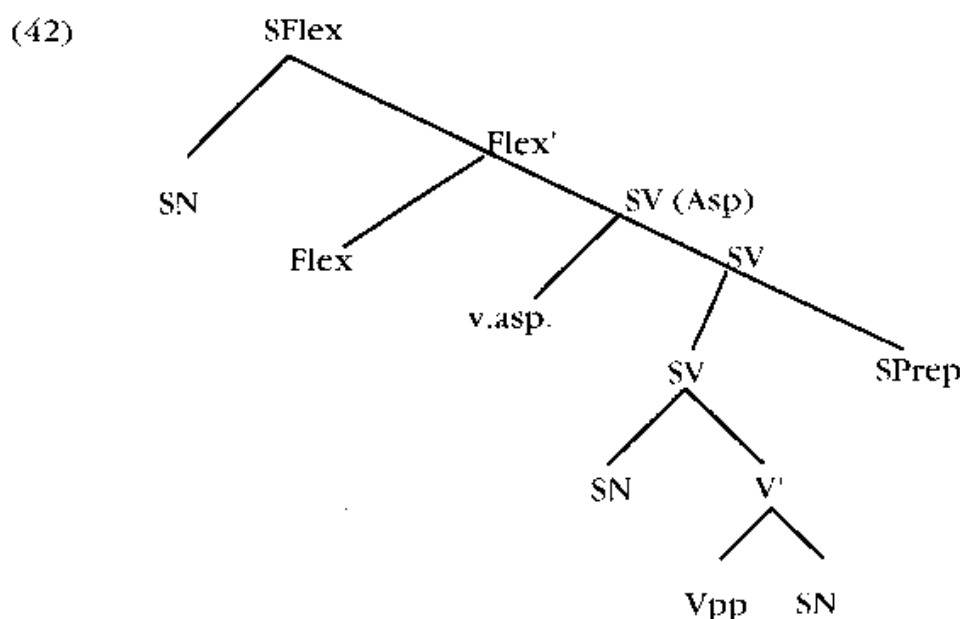
No caso destes SNs que permanecem *in situ*, parece-nos haver, em português, uma maior aceitabilidade das frases quando eles são indefinidos: Não vamos, no entanto, explorar esta questão.

É possível também que numa construção contendo um SN do tipo "todas as pessoas" o quantificador permaneça numa posição intercalar, entre o verbo aspectual e o particípio passivo, enquanto os restantes elementos do SN se deslocam para a posição de sujeito, dando origem a frases como:

(41) As pessoas estão todas emocionadas

Com base em todos estes dados, vamos então propor a existência de uma posição de especificador de SV vazia em Est-P', posição para a qual se poderão mover SNs com as características que observamos nos exemplos (35), (36), (37) e (41) acima. Como se explica um movimento do argumento interno do verbo para essa posição de especificador de SV? Esse movimento não pode ser motivado por razões de Caso, visto que nessa posição não há atribuição nem de Caso acusativo nem de Caso nominativo. Podemos supor que o particípio verbal tem traços nominais fortes que justificam que essa posição intermédia funcione como um alvo possível para o movimento do argumento interno do verbo (cf. Brito (no prelo)).

Sendo assim, teríamos a seguinte Est-P da passiva dos verbos da família de *preocupar*:



Dada esta Est-P há teoricamente quatro possibilidades:

- i. A posição de sujeito, sendo vazia, é ocupada pelo SN subcategorizado pelo verbo, dando origem a frases como a forma SN V_{aux} PP SPrep. Este SN recebe Caso de Flex;

ii. A posição vazia de sujeito é ocupada por um *pro* e o argumento interno do verbo não se move, como nas frases (38), (39) e (40).

iii. A posição vazia de sujeito está ocupada por um *pro* e o SN move-se para a posição intermédia de Esp de SV, dando origem a frases como as de (35), (36) e (37).

iv. O SN ao mover-se para a posição de sujeito frásico, deixa "atrás de si" o quantificador, originando frases como a de (41).

Em (ii) e (iii) a atribuição de Caso ao SN argumento interno do verbo poderá ocorrer conforme é proposto em Chomsky (95) e Brito (no prelo): isto é, em FL este SN move-se para a posição de Esp de Flex para verificação do Caso nominativo. Em (iv) a atribuição de Caso poderá fazer-se de uma das seguintes formas: a) o elemento do SN na posição de sujeito frásico recebe Caso de Flex e transmite esse Caso ao quantificador, que estará coindexado com ele; b) movimento do quantificador em FL para junto do SN para verificação da atribuição de nominativo a todo o SN.

Se repararmos agora na estrutura sintáctica acima proposta e pondo de lado a presença de um adjunto, o SPrep "por/com + SN", verificamos que ela tem algum paralelo com a estrutura sintáctica das construções predicativas em geral, que previamente analisámos em (34). Assim, em ambas as construções há uma posição disponível para um SN e uma posição para uma construção que pode ser verbal, no caso das construções que estamos a analisar, ou adjectival, nominal ou preposicional, no caso das construções predicativas. Kayne (89) já tinha aproximado as construções passivas às "small clauses". Sendo assim, cremos ter demonstrado que as passivas com os nossos verbos e as construções predicativas têm paralelos que as aproximam e têm diferenças também.

5. Explicação semântica

Voltemos agora a alguns aspectos lexicais e semânticos ainda não explorados.

Os verbos da família de *preocupar* são verbos com um sentido eventivo e causativo, verbos em que o sujeito causa uma mudança no estado psicológico do objecto. Podemos então pensar que estes verbos têm incorporada na sua entrada lexical a informação de causatividade. Teorias recentes dentro da Gramática Generativa têm proposto que o léxico deve ser enriquecido com informações semânticas geralmente associadas, ou relacionadas, com noções de causatividade e eventividade. Estas informações constituiriam um outro nível de representação lexical, a que Jackendoff (83) chamou "estrutura conceptual". Sendo assim, a entrada lexical de um verbo como *abalar* seria constituída pela "representação lexical sintáctica" (informação sobre o número de argumentos do verbo) de (43) e pela "representação lexical conceptual" de (44):

(43) *abalar*: < x, y >

(44) *abalar*: [x causar [y ficar V_{pp}]]

Aproveitando a proposta de Higginbotham (85), podemos ainda incluir na "representação lexical conceptual" um indicador do carácter eventivo do verbo *abalar*. Essa indicação é feita em (45) através do marcador de lugar de evento "e":

(45) *abalar*: < e [x causar [y ficar V_{pp}]] >

No participípio passado, os verbos perdem um argumento, como vimos acima; a "representação lexical sintáctica" do participípio passado de *abalar* será, portanto, a indicada em (46), em que *x* corresponde ao argumento Experienciador:

(46) *abalado*: < x >

A "estrutura lexical conceptual" do participípio passado é, no entanto, mais difícil de definir do que a "estrutura lexical conceptual" do infinitivo do verbo. Não nos parece que o sentido eventivo e causativo do infinitivo esteja presente de uma forma tão clara no participípio passado como está no infinitivo. Contudo, parece-nos que nas construções passivas o importante não é determinar a estrutura conceptual do participípio passivo, mas sim pensar em termos do conjunto formado pelo participípio passivo e pelo verbo auxiliar. E se encararmos os verbos *ser*, *estar* e *ficar* nas três passivas fundamentalmente como verbos aspectuais já faz sentido que eles se possam ou não ligar a determinados participípios passados, consoantes as propriedades semânticas desses participípios passados. Assim, por exemplo, o participípio passado *abalado* é compatível com o valor aspectual de *ser*, *estar* e *ficar*, pelo que é igualmente possível dizer: "ser abalado", "estar abalado" e "ficar abalado". Por seu turno, um participípio passivo como *espantado* é compatível com o valor aspectual de *estar* e *ficar*, mas não com o valor aspectual de *ser*. Ou seja, propriedades semânticas intrínsecas deste participípio passivo apontam mais para um estado, ou para um estado resultativo de um evento, do que para o evento em si mesmo. Outros participípios passados, como por exemplo *gozado*, apontam para o próprio evento e não permitem a expressão de estado ou de estado resultativo (daí ser possível dizer "foi gozado", mas não "está gozado" ou "ficou gozado").

O que estamos a afirmar é que os verbos psicológicos da família de *preocupar* são verbos eventivos e causativos na activa, mas que esse sentido eventivo e causativo só se mantém na passiva com *ser*. Na passiva com *estar*, uma vez que a construção exprime um estado, a natureza causativa do verbo é

perdida; por seu turno, na construção com *ficar*, visto que o estado resultante é sempre consequência de um evento, a ideia de causatividade e eventividade está implícita, latente, mas não de uma forma tão clara como acontece na passiva com *ser*.

Uma questão que ainda não foi discutida é a dos valores temáticos das preposições *por* e *com* que aparecem nos dois tipos de passiva. As preposições são marcadores temáticos importantes e o confronto das frases (47) e (48) parece sugerir que os SNs introduzidos pelas preposições *por* e *com* têm valores temáticos diferentes:

- (47) A Maria foi magoada pela atitude do Pedro
 (48) A Maria foi magoada com a atitude do Pedro

Estas duas frases são praticamente equivalentes na linguagem corrente e serão até usadas indiscriminadamente para descrever a mesma situação. No entanto, há uma diferença de sentido subtil entre elas: é que enquanto a frase (47) parece sugerir que a atitude do Pedro se dirigiu directamente à Maria (não obrigatoriamente num sentido agentivo, mas no sentido de que o Pedro fez qualquer coisa à Maria), a frase (48) não tem, preferencialmente, essa interpretação. Em (48) o Pedro pode ter feito alguma coisa a uma terceira pessoa e foi isso que magoou a Maria.

Se observarmos as construções com *estar* e *ficar*, verificamos que a mesma diferença de sentido ocorre com o uso das duas preposições:

- (49) a. A Maria está chocada com as palavras do Pedro
 b. A Maria está chocada pelas palavras do Pedro
 (50) a. A Maria ficou perturbada com os elogios do Pedro
 b. A Maria ficou perturbada pelos elogios do Pedro

Vamos então assumir que nos nossos verbos as preposições *por* e *com* introduzem SNs com papéis temáticos diversos: *por* introduz um Agente ou um Causador e *com* um Objecto da Emoção⁸. Embora não atribuindo grande importância às designações em si mesmas, podemos definir o "Objecto da Emoção" como a "entidade que constitui o conteúdo ou o estímulo da experiência"⁹.

A adopção de grelhas temáticas diferentes para a passiva com *ser* e para a passiva com *estar* e *ficar* permite explicar alguns dados do comportamento dos verbos da família de *preocupar* face às duas construções. Como referimos em 1., os verbos claramente agentivos aceitam todos a passiva com *ser* e dificilmente podem entrar nas construções com *estar* e *ficar*:

- (51) a. A Maria foi ridicularizada pelo Pedro
 b. * A Maria está ridicularizada com o Pedro
 c. * A Maria ficou ridicularizada com o Pedro

A explicação deste facto poderá residir no sentido causativo dos verbos que é mantido na passiva com *ser*: um Agente é sempre um Causador e é, portanto, um elemento semanticamente adequado para dar conta do valor causativo da passiva com *ser*. Em contrapartida, o sentido causativo dos verbos é, como vimos, perdido ou é grande medida diluído nas passivas com *estar e ficar*: uma vez que um SPrep [+ hum] é potencialmente um Agente podemos concluir que essa função temática é demasiado forte para dar conta do valor de estado ou de estado resultativo das construções com *estar e ficar*.

Muito embora exista uma preferência nítida nas passivas com *estar e ficar* por SPreps [-hum] (ver frases de (52)), há no entanto alguns verbos não agentivos que aceitam na passiva com *estar e ficar* um SPrep [+ hum] (ver frases de (53)):

- (52) a. ?? A Maria está/ficou desmotivada com o Pedro
 b. A Maria está/ficou desmotivada com o comportamento do Pedro
 (53) a. A Maria está/ficou chateada com o Pedro
 b. A Maria está/ficou desencantada com o Pedro

De facto, parece haver uma distinção lexical entre verbos que permitem um Objecto da Emoção vago, indefinido, e outros que exigem uma maior definição quanto ao Objecto da Emoção. Os verbos que admitem um Objecto da Emoção indefinido permitem um SPrep [+ hum], porque se subentende que não é o indivíduo na sua totalidade, mas uma qualquer propriedade, característica, ou acção desse indivíduo, que provoca a emoção ou sentimento.

Podemos, então, pensar que as preposições *por* e *com* têm a sua estrutura argumental própria, com um argumento, a que corresponde uma estrutura temática, como se indica em (54) e (55):

- (54) a. *por*: < y >
 b. *por*: [y_{Causador}]
 (55) a. *com*: < y >
 b. *com*: [y_{Objecto da Emoção}]

Sendo assim, a junção das preposições *por* e *com* a um determinado participípio passado só se faz se houver compatibilidade entre a estrutura lexical conceptual do conjunto "verbo aspectual + participípio passado" e a estrutura temática da preposição. Isto explicaria porque é que é possível dizer (56), mas não (57):

(56) Ele foi divertido

(57) * Ele foi divertido pelo amigo

Da mesma forma, explicaria por que é aceitável (58), mas não (59):

(58) Ele está abalado / Ele está abalado com a notícia

(59) * Ele está abalado com o Pedro

6. Conclusão

Dado que os conceitos de "passiva verbal" e "passiva adjectival" não se revelaram pertinentes na análise das construções passivas dos verbos da família de *preocupar*, procurámos delinear outras distinções que tivessem algum poder explicativo. O tratamento destes verbos apela a uma diversidade de questões, no âmbito da sintaxe, da semântica e do léxico, e são múltiplos os factores que contribuem para as propriedades manifestadas pelas três construções que estudámos. Esses factores incluem, entre outros, os seguintes:

◆ Valor aspectual das construções - para o qual contribuem não só propriedades semânticas intrínsecas do particípio passivo como a natureza aspectual dos verbos *ser*, *estar* e *ficar*;

◆ Estrutura argumental do particípio passivo - que perde um argumento relativamente ao verbo no infinitivo;

◆ Estrutura temática das preposições - que têm que manifestar compatibilidade semântica com o conjunto "verbo aspectual + particípio passivo";

◆ Presença/ausência de valor causativo e eventivo nas construções - que pode explicar a aceitação/não aceitação de SPreps com determinados papéis temáticos¹⁰.

Notas

1 Agradeço à professora Doutora Ana Maria Brito a leitura deste trabalho e as suas sugestões.

2 Faria, Isabel Hub et alii (96, pp. 279-282).

3 Os resultados da aplicação destes testes às nossas construções podem ser observados em Barbedo (98).

4 Cf. Mateus et alii (89, pp. 219-221).

5 Estamos a adoptar o tratamento de Stowell (81) referido em Raposo (92, pp. 216-224).

6 Sobre a existência desta posição no português e no castelhano, ver Lasnik (95), Brito (no prelo) e Battlori (92). Refira-se que seria possível dar conta desta posição

propondo uma categoria funcional intermédia, que poderia ser SAGR_O (Sintagma de Acordo Objecto), conforme a proposta de Chomsky (95).

7 Estamos aqui a considerar apenas o sentido psicológico do verbo.

8 Retirámos este termo de Pesetsky (87, pp. 136-137), que defende que determinados SNs nas construções passivas com os verbos da família de *preocupar* têm esta função temática de "Objecto da Emoção".

9 Socorremo-nos aqui da definição de Peres (84, p. 118) de "Objecto de predicados experienciais".

10 E também uma questão que não foi aqui discutida: a possibilidade/impossibilidade de controlo das "purpose clauses". Segundo Grimshaw (90), que também defende que há supressão do argumento externo na passiva, a relação de controlo é entre PRO e um evento; uma vez que nas passivas com *estar* e *ficar* a construção não tem um sentido eventivo, essas construções não aceitam as "purpose clauses".

Referências Bibliográficas

- BARBEDO, M. (1998). *Passivas com Verbos Psicológicos da Família de Preocupar*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Letras do Porto.
- BATLLORI, M. (1992). "Preliminary Remarks on Old Spanish Auxiliaries: Haber, Ser and Estar". In *Catalan Working Papers in Linguistics*. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona.
- BELLETTI, A. & L. RIZZI (1988). "Notes on Psych-Verbs, θ -Theory, and Binding". In FREIDIN, R. (1991). *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge, Mass.: MIT Press, pp. 132-162.
- BRITO, A. (1998). *Case Assignment to post-verbal "subjects" in unaccusative, passive construction and small clauses*. Palmela: VIII Colóquio de Gramática Generativa, (no prelo).
- CASTELEIRO, J.M. (1981). *Sintaxe Transformacional do Adjectivo*. Lisboa: INIC.
- CHOMSKY, N. (1981). *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris Publ.
- CHOMSKY, N. (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- CUNHA, L.F. (1998). *As Construções com Progressivo no Português: Uma Abordagem Semântica*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Letras do Porto.
- FARIA, L.H., E. RIBEIRO, I. DUARTE & C. GOUVEIA (1996). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- GONÇALVES, A. & COLAÇO, M. (1990). "Para um tratamento uniforme do(s) verbo(s) "ser" no português europeu". In *Actas do VI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto, pp. 125-142.
- GRIMSHAW, J. (1990). *Argument Structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- HIGGINBOTHAM, J. (1985). "On Semantics". *Linguistic Inquiry*, 16, pp. 547-593.

- JACKENDOFF (1983). *Semantics and Cognition*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- KAYNE, R. (1989). "Facets of Romance Past Participle Agreement". In BENINCÀ, P. (ed.). *Dialect Variation and the Theory of Grammar*. Dordrecht: Foris Publ., pp. 85-103.
- LASNIK, H. (1995). "Case and expletives revisited: on Greed and other Human Failings". *Linguistic Inquiry*, 26:4, pp. 615-633.
- LEVIN, B. & M. RAPPAPORT (1986). "The Formation of Adjectival Passives". *Linguistic Inquiry*, 17:4, pp. 623-661.
- MATEUS, H., A. BRITO, I. DUARTE & I. FARIA (89). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- MENDES, A. (1994). *Análise Sintáctica dos Verbos Psicológicos do Português*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa.
- MOURELATOS, A. (1978). "Events, Processes, and States". *Linguistics and Philosophy*, 2:3, pp. 415-434.
- MOURELATOS, A. (1981). "Events, Processes and States", in P. Tedeschi e A. Zaenau (eds). *Syntax and Semantics*, Vol. 14: Tense and Aspect. New York: Academic Press.
- PERES, J. (1984). *Elementos para uma Gramática Nova*. Coimbra: Almedina.
- PESETKY, D. (1987). "Binding Problems with Experiencer Verbs". *Linguistic Inquiry*, 18:1, pp. 12-140.
- RAPOSO, E. (1992). *Teoria da Gramática: A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho.
- VENDLER, Z. (1967). *Linguistics in Philosophy*. Ithaca, New York: Cornell University Press.